

## Prospecção arqueológica na base costeira do Instituto Oceanográfico da USP em Cananéia, Estado de São Paulo

Paulo F. Bava de Camargo\*

Entre os dias 24 e 28 de julho de 2007 foi realizada uma extensiva prospecção arqueológica<sup>1</sup> no terreno da base costeira de ensino e pesquisa “João de Paiva Carvalho”, localizada no município de Cananéia, litoral Sul de São Paulo (Fig. 1).<sup>2</sup>

Essa prospecção se enquadra no âmbito da pesquisa de doutorado desenvolvida pelo autor<sup>3</sup> e se justifica pela observação de um detalhe da carta de João da Costa Ferreira, publicada por volta de 1815 (Reis Filho 2000) (Fig. 2). Nela podem ser vistas as representações gráficas de duas edificações, uma embarcação e duas carreiras de estaleiro (estrutura utilizada para tirar e recolocar as embarcações na água), estabelecidas nas cotas de interface do morro de São João com o mar.

As informações bibliográficas sobre a área indicam que esse antigo estaleiro teria pertencido ao sargento-mor Joaquim José da Costa, mencionado em documento de tombo do ano de 1817 (Almeida 1952: 3-14). Estima-se que o estaleiro tenha funcionado da segunda metade do século XVIII – época de intensificação da atividade de construção naval em Cananéia (Almeida 1965: 465-470) – até por volta de 1829, quando o sargento-mor se muda para Paranaguá (Almeida 1968: 437-441).

A importância de se estudar um estaleiro antigo está no fato de ele permitir uma ampla compreensão sobre a economia e a sociedade da região através da produção de uma mercadoria detentora de um duplo valor: as embarcações servem tanto para transportar mercadorias, mas também elas próprias são um tipo de mercadoria. No caso de Cananéia elas constituíam um dos maiores produtos de exportação no início do século XIX (Luccok 1975: 403).

### A prospecção

Para a localização de possíveis vestígios no terreno da base foram escavados, com ferramentas manuais, 93 poços-teste (uma modificação do *shovel-test* anglo-saxão) com cerca de 20 a 30 cm de diâmetro e até 1 metro de profundidade, com intervalos de 10 metros entre eles e orientados por uma malha ortogonal. Caso fossem encontrados vestígios arqueológicos em subsuperfície, abriam-se outros poços-teste ao redor do original na tentativa de identificar uma concentração de material. Nas áreas onde o material arqueológico estava disposto em superfície o espaçamento normal entre os poços-teste foi de 5 metros.

(\*) Pesquisador associado do Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática/ UNICAMP; aluno de pós-graduação (doutorado) do Museu de Arqueologia e Etnologia/ USP; bolsista CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. pfbavacamargo@yahoo.com.br  
(1) Para a realização do trabalho de prospecção contei com a participação dos alunos de pós-graduação do MAE-USP Leandro Domingues Duran (doutorado) e Ricardo Santos Guimarães (mestrado). Também participaram os ajudantes de serviços gerais Hélio Gomes, Israel Gomes, Nilton Gomes e Ricardo Pereira.

(2) Agradeço à diretora do IO-USP, Ana Maria Setubal Pires Vanin e a todo o pessoal da sede e da base costeira pela boa recepção e pela ajuda prestada.  
(3) Título: “Arqueologia de uma cidade portuguesa: Cananéia, séculos XIX-XX”; orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, pesquisadora do MAE-USP e coordenadora do Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira. Este último é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



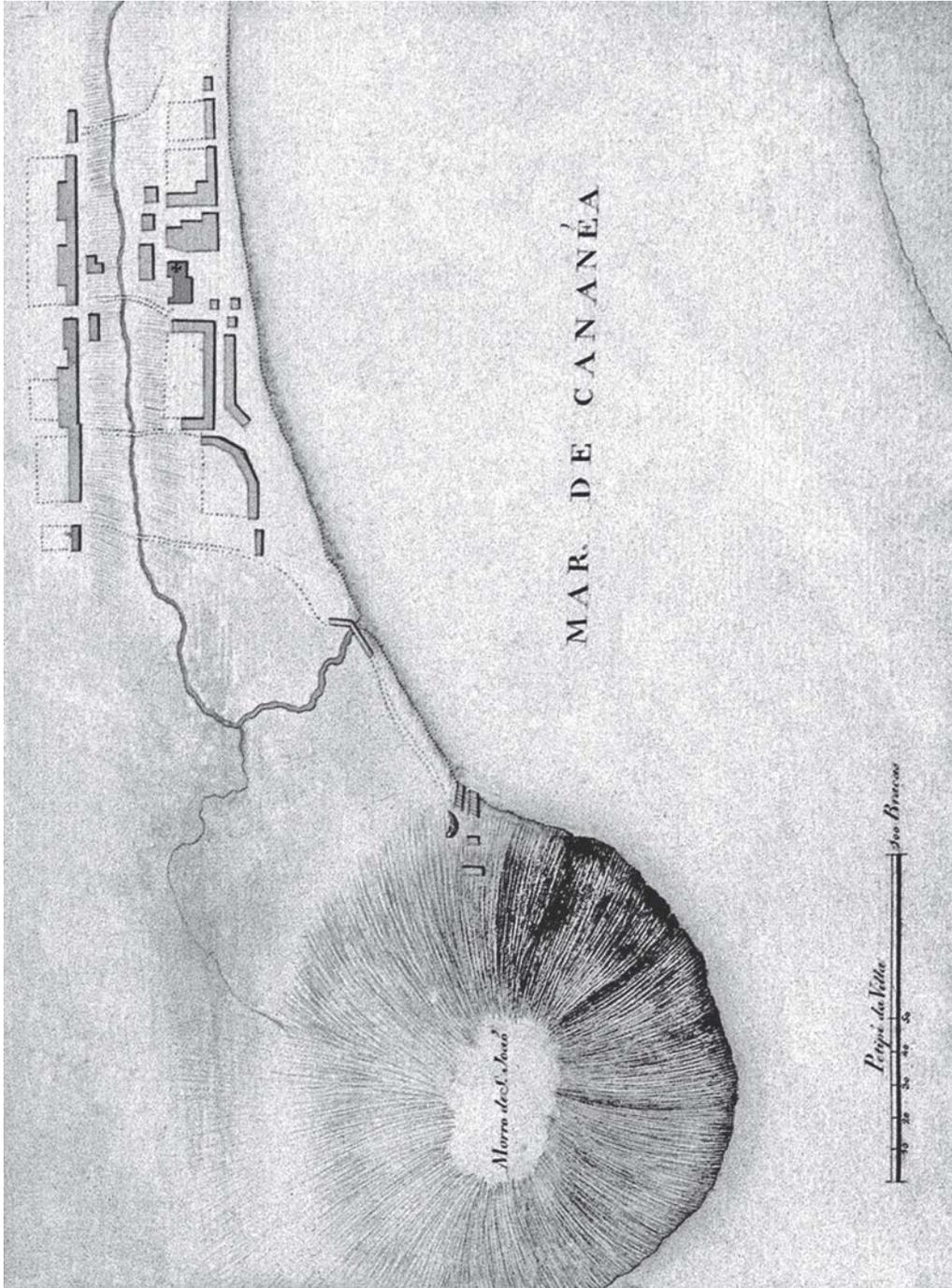


Fig. 2. Carta de João da Costa Ferreira, c. 1815. No sopé do morro, à beira mar, é possível perceber a representação do estaleiro.

Também foram realizadas seis sondagens arqueológicas convencionais (1m<sup>2</sup>) nas áreas de maior concentração de vestígios, escavadas por níveis de estratificação natural. Todo o sedimento escavado foi peneirado ou selecionado manualmente (quando a umidade do solo não permitia o uso de peneira). De forma geral, os fragmentos arqueológicos se encontravam depositados desde a superfície até os 40 ou 50 centímetros de profundidade.

Como resultado foram localizadas: duas áreas de grande concentração de vestígios arqueológicos (n<sup>os</sup>. 1 e 2) provenientes de atividades domésticas e navais (reparo e construção de embarcações) datados dos séculos XVIII e XIX; e pelo menos cinco pontos de dispersão de fragmentos de utensílios domésticos históricos. Um desses pontos de dispersão foi denominado Área 3, pois possuía uma pequena quantidade de fragmentos bastante distintos do conjunto, restos de um utensílio cerâmico de confecção local/regional com características marcadamente indígenas (ungulado). Essa disposição espacial de vestígios arqueológicos configurou a existência de um sítio arqueológico no terreno da base, que ganhou a nomenclatura “Estaleiro da Base do Instituto Oceanográfico” (Fig. 3).

### Descrição das áreas

A Área 1 fica acima da cota 5 (5 metros de altitude acima do nível médio do mar), entre a casa nova do sismógrafo e uma antiga rua, hoje incorporada à base. Apesar de no local existirem árvores de grande porte e lixo enterrado, fatos que acabaram perturbando a integridade das camadas arqueológicas, em alguns pontos são encontrados pacotes estratificados que ainda apresentam integridade deposicional. Neles o pacote arqueológico com vestígios do século XVIII e XIX, caracterizado por sedimentos arenosos escuros, tem por volta de 20 centímetros de espessura.

Nessa área foi encontrado muito entulho construtivo antigo, notadamente argamassa de conchas e fragmentos de telhas. Foram também localizados os restos de um pilar de pedras na

sondagem 61, além de um piso constituído por camadas regularizadoras de terra e conchas, configurando uma superfície bastante plana nas sondagens 62 e 63. Na sondagem 63, o referido piso está associado a pedras intencionalmente sobrepostas, configurando uma espécie de calço para uma estrutura que sobre ele se assentaria (Fig. 4).

A esse conjunto de estruturas associava-se uma grande quantidade de utensílios metálicos, especialmente cravos de ferro e de bronze, materiais pouco abundantes em contextos arqueológicos domésticos do século XVIII ou primeira metade do XIX. Tudo indicava se tratar de uma edificação onde se desenvolvia uma atividade de manufatura, ou, pelo menos, de um contexto não doméstico.

A idéia de que na Área 1 tivesse funcionado um antigo estaleiro foi reforçada pela observação dos vestígios materiais decorrentes das atividades de reforma de uma embarcação num estaleiro contemporâneo, situado na própria base. Uma pequena embarcação de aproximadamente 30 anos, inspirada nas baleeiras de Santa Catarina, estava sendo reformada por alguns carpinteiros navais da região. Tanto a disposição da embarcação na estiva, calçada por pedras e apoios de cimento de forma a permanecer com a quilha perfeitamente horizontal, quanto os restos materiais produzidos e descartados durante os reparos – cravos de bronze, metal galvanizado e parafusos de ferro – geraram um contexto deposicional que guardava forte semelhança com o contexto arqueológico evidenciado pelas escavações da Área 1, inclusive com materiais semelhantes (Fig. 5).

Outro detalhe que chamou a atenção posteriormente foi levantado pelo arqueólogo português Francisco Alves (com. pes., 2007): embarcações de madeira devem, preferencialmente, ser construídas à sombra, preservando a madeira das variações do clima. Assim, uma boa hipótese era colocada para explicar a base de pilar da sondagem 61 e a grande quantidade de material construtivo localizada na Área 1: podiam ser relativas a um telheiro que abrigava as embarcações, a exemplo do que se vê na Fig. 6, a própria garagem da base.

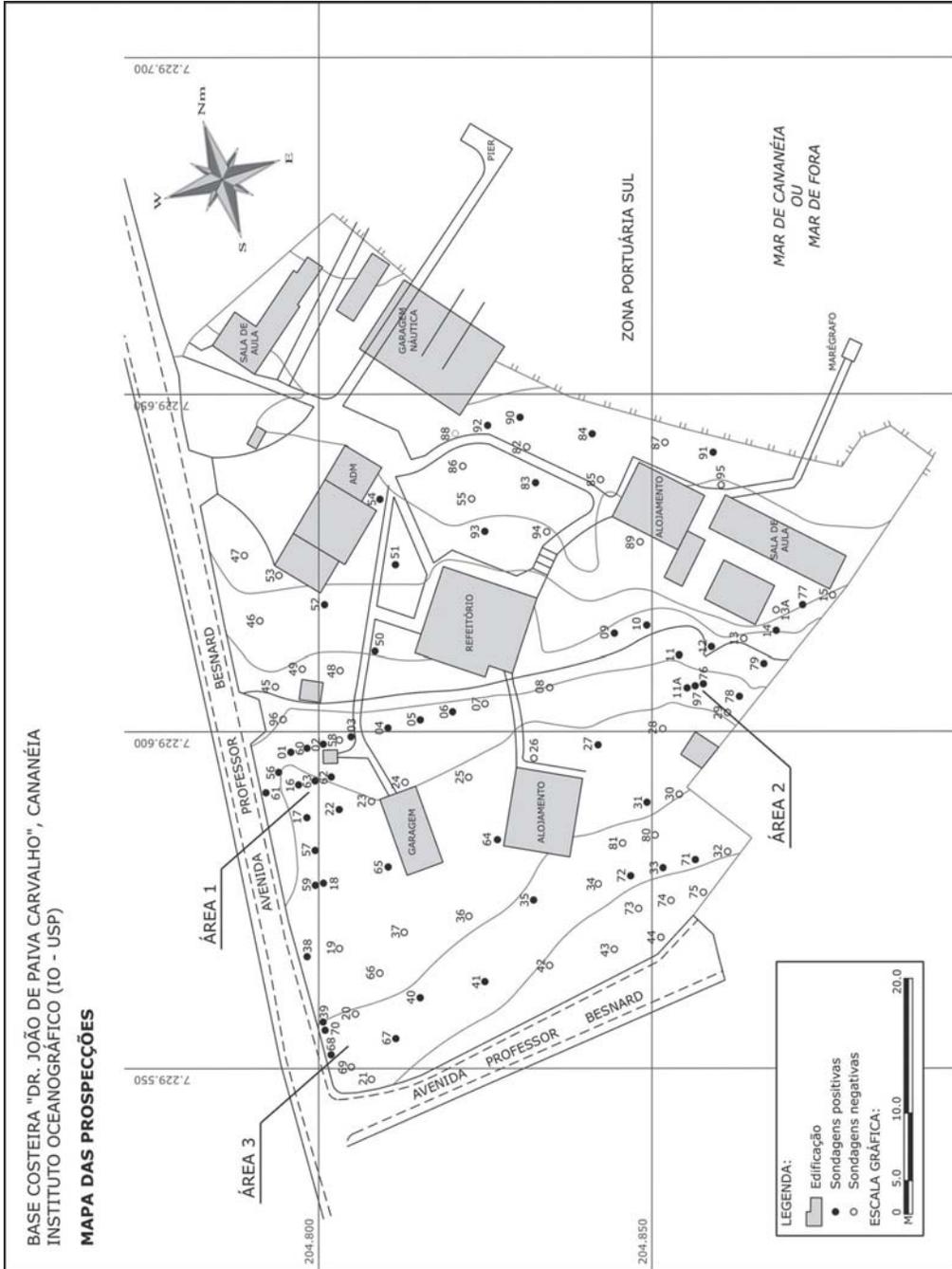


Fig. 3. Mapa do terreno da base costeira mostrando as prospeções com resultados negativos e positivos.



**Fig. 4.** Perfis norte e leste da sondagem 63. Notar as pedras superpostas na parte inferior da imagem e o piso de conchas no lado direito da foto, próximo ao perfil leste.



**Fig. 5.** Cravos em bronze localizados no terreno da base. Os três cravos da esquerda foram retirados da embarcação que estava sendo reformada. Os outros quatro foram localizados nas prospecções. Note-se que os cravos contemporâneos possuem ranhuras próximas às cabeças que os diferenciam dos demais.



**Fig. 6.** Garagem principal das embarcações da base. A edificação que cobria a Área 1 poderia ser bastante semelhante a essa estrutura, só que construída com pilares de pedra e cal e telhas cerâmicas.

Nessa área foi localizado apenas um fragmento possivelmente pré-colonial, em superfície: uma cerâmica, de grande espessura, com decoração corrugada. Não foram encontrados outros fragmentos desse tipo tanto em superfície como em subsuperfície.

A Área 2 também fica acima da cota 5, mas eventualmente são encontrados vestígios em cotas inferiores, provavelmente rolados do talude. Ela é caracterizada por um alinhamento de pedras, uma fundação de mais de 7 metros de comprimento que pode ter sido lá erguida para conter o talude na época de implantação da base, na década de 1950. Junto ao muro encontra-se bastante material construtivo antigo, além de alguns poucos fragmentos de utensílios domésticos e material metálico (cravos de bronze e ferro). Parece ser essa uma área bastante alterada por movimentações de terra decorrentes da construção da base, mas só poder-se-á ter certeza desse fato com escavações intensivas, transcendendo o objetivo dessas prospecções.

Fotos do acervo da biblioteca do IO, datadas da década de 1950, apontam para a existência de

uma edificação rudimentar no local, à época ocupada por um dos funcionários da base. Tal edificação, entretanto, parece ter aproveitado colunas de pedra mais antigas, anteriormente erguidas para a sustentação de uma casa maior.

### O acervo coletado

O material arqueológico localizado no sítio já foi classificado,<sup>4</sup> restando ainda a realização da análise da maior parte das categorias dos vestígios.

O acervo é representado por: 57 fragmentos de cerâmica local/ regional; 12 de cerâmica vidrada; 4 de grés; 55 de faiança; 73 de faiança fina; 698 de telha cerâmica capa & canal; 71 de tijolos; 35 cravos; 1 moeda; 19 fragmentos de

(4) Nos trabalhos de curadoria do acervo coletado participaram os alunos de pós-graduação do MAE-USP Louise Prado Alfonso (doutorado) e Rafael Abreu e Souza (mestrado). As imagens foram editadas pela arquiteta Gabriela Ribeiro Farias.

vidro; dentre outros materiais, perfazendo um total de 1188 fragmentos coletados.<sup>5</sup>

Segundo Rafael de Abreu e Souza, que analisou 59 dos fragmentos de faianças finas, todos eles correspondem a utensílios de produção estrangeira. Devido à fragmentação das faianças finas da amostra, o referido pesquisador optou por usar a classificação norte-americana quanto ao *design* ou forma geral da peça a que pertencia o fragmento. Foram então classificadas em *flatwares* (cerâmicas planas, como pratos, travessas, pires etc.) e *hollowares* (cerâmicas côncavas, como tigelas, xícaras etc.). A amostra em questão apresentou predominância de formas côncavas, especialmente malgas (tigelas), totalizando 62% dos fragmentos identificáveis, contra 38% de formas abertas planas. Dentre os fragmentos, deve-se ressaltar que três são de urinóis (penicos) em *creamware*.

Poucos são os fragmentos decorados, predominando àquela decoração executada à mão livre com temas florais em tons terrosos. Do total de fragmentos da amostra, oito são de florais pintados à mão, um *transfer-printing* azul e um *Royal Rim*. Todos eles teriam tido seus períodos de maior dispersão entre as últimas décadas do século XVIII e meados do século XIX, podendo avançar até as décadas de 1860-1870 no caso do *transfer-printing*.

Com relação aos esmaltes, a amostra é composta por 63% de *creamwares*, 34% de *pearlwares* e 3% de *whitewares*. Os *creamwares* começaram a ser produzidos em 1762 durando até aproximadamente 1820 quando os *pearlwares* (início da produção em 1779) começam a ser produzidos e ganham o mercado, a partir de 1810. Como a maior parte dos fragmentos possui esse esmalte mais antigo, isso indica que a ocupação das Áreas 1 e 2 teria se dado entre fins do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Finalizando, é significativo o fato de que a única moeda encontrada nas pesquisas – 80 réis de cobre – seja de 1829, época da provável desativação do estaleiro.

### Considerações finais

Essa prospecção extensiva apenas identificou o grande potencial da porção emersa do sítio arqueológico. Para o futuro espera-se realizar escavações mais detalhadas nas porções emersas e prospecções na área submersa do sítio, visando transformar esse contexto arqueológico privilegiado em um sítio-escola.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, A.P.

- 1952 História da navegação no litoral paulista. *Revista do Arquivo Municipal*, ano XIX, vol. CLIII, novembro.  
1965 Memória Histórica de Cananéia (X). *Revista de História*, São Paulo (FFLCH-USP), 31: 453-477.  
1968 Memória Histórica de Cananéia (XIII). *Revista de História*, São Paulo (FFLCH-USP), 37 (76): 425-441.

LUCCOK, J.

- 1975 *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Série Reconquista do Brasil, 21. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia.  
REIS FILHO, N.G.  
2000 *Imagens do Brasil colonial*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/ FAPESP.

Recebido para publicação em 30 de maio de 2008.

(5) Em campo foram contados, registrados e descartados algumas centenas de fragmentos de material construtivo antigo e contemporâneo, tais como telhas e tijolos. Seu descarte se deu sobre uma lona plástica

que cobre parte do sítio, possibilitando tanto sua recuperação quanto a segregação do material ainda não escavado.